



Forum Sociológico

Série II

32 | 2018

Fraturas sociais e educativas: Desafios para a sociologia da educação

Editorial

Bruno Dionísio, Leonor Lima Torres e Mariana Gaio Alves



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/1875>

ISSN: 2182-7427

Editora

CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Edição impressa

Paginação: 5-6

ISSN: 0872-8380

Referência eletrónica

Bruno Dionísio, Leonor Lima Torres e Mariana Gaio Alves, « Editorial », *Forum Sociológico* [Online], 32 | 2018, posto online no dia 16 julho 2018, consultado o 17 julho 2018. URL : <http://journals.openedition.org/sociologico/1875>

EDITORIAL

Quando, na viragem para o século XX, Émile Durkheim inaugura a sociologia da educação, com os cursos de pedagogia e moral que ministra, primeiro em Bordéus, depois na Sorbonne, a ideia de “fratura” é já um elemento orgânico do seu empreendimento. Erguer uma moral e educação laicas, um pensamento individual liberto, sensível à justiça, estimulado pelo império da fé racionalista – eis o primeiro “espírito” sociológico em educação: cimentar a consciência moderna da vida em sociedade à medida que o santuário educativo do mundo tradicional se esboroava fatalmente. Mas, se a modernidade educativa destrona o santuário tradicional, edificando um novo, a sua arquitetura é abalada pela robusta aparelhagem teórica montada por Pierre Bourdieu, que expõe as contradições e fragilidades desse moderno edifício educativo. Talvez esteja aí o segundo “espírito” da sociologia da educação (de matriz francesa, bem entendido). Hoje, a escola já não é (só) a escola dos herdeiros e da reprodução que Bourdieu bem dissecou. Definitivamente dessacralizada e em acelerado declínio do seu programa institucional (como sentenciava François Dubet na sua obra de 2002), ela defronta-se com os efeitos (in)esperados das promessas cumpridas ou goradas, das fissuras suturadas ou por suturar, de novas brechas que a assombra. Parece ser neste caldo que opera um terceiro “espírito” da sociologia da educação. Sendo as fraturas sociais e educativas um desafio tão premente no dealbar do século XXI quanto o era no ocaso de oitocentos, os fenómenos transfiguraram-se e complexificaram-se brutalmente, fazendo da sociologia da educação uma disciplina tão pluralizada quanto os fenómenos que pretende aclarar.

Crescendo em sincronia (mas nem sempre em sintonia) com o projeto de uma modernidade educativa, a sociologia da educação também não escapa às suas próprias fraturas internas. Nos trilhos que tem percorrido, atravessou querelas de método, mais ou menos mitigadas pelo percolar dos tempos, perspetivas que se digladiaram com maior ou menor fervor, posições e hesitações sobre a melhor maneira de fazer o ofício, desacordos quanto ao lugar da floresta de onde se conseguirá ver com mais claridade. Simultaneamente, o aparato teórico e técnico atingiu níveis sem paralelo histórico, elevando os sistemas educativos e as análises sociológicas a patamares de sofisticação sem precedentes.

Não obstante as crises, incertezas e contingências, o mundo educativo apresenta hoje traços, além de fraturantes, verdadeiramente estruturantes: da naturalização e universalização à longevidade das carreiras escolares, o “monopólio” da forma escolar reformou famílias, trabalho, infância e juventude, comunidades, particularismos culturais. Embora a educação pareça “prisioneira da forma escolar” (expressão célebre do título do livro dirigido por Guy Vincent em 1994), eclodem nos seus interstícios cenários educativos e dinâmicas de socialização concorrenciais que não só adentram o reduto escolar, como disputam esse monopólio da forma escolar, deformando-a a reformando-a, por dentro e por fora. Por sua vez, o desafio da inclusão escolar (de uma estadia e carreira escolares obrigatoriamente universais, longas e duradouras) depara-se com velhas fraturas que teimam em conservar-se, desvelando novas arritmias que entretanto se geram. Escalpelizar as fraturas sociais e educativas obriga assim a perscrutar um quadro inacabado, assimétrico e defeituoso, altamente composto e tensional. De uma escola que cimenta e fragmenta. Que contém os gérmes tanto da emancipação como da opressão.

A resposta da sociologia a tais desafios é uma empreitada que cada vez menos se pode fazer isolada e solitariamente. Foi esse o espírito que motivou sociólogos da educação de Portugal e de Espanha a reunirem-se, em 2015, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, para a I Conferência Ibérica de Sociologia da Educação. Dois anos volvidos, o evento é reeditado em Espanha, na Universidade de Córdoba, por coincidência no ano em que se assinalou o centenário da morte de Émile Durkheim. Este dossiê restitui, assim, parte da memória dessa II Conferência Ibérica de Sociologia da Educação, cujo título é, justamente, tributário desse evento. O diálogo entre as comunidades académicas dos dois países procura ser uma oportunidade de discussão de problemas e desafios – comuns ou não – que interpelam a sociologia da educação que se faz na Península Ibérica mas, ao mesmo tempo, abrindo à realidade de outros países da Europa do Sul, ou de outras regiões do mundo cujos laços superam a distância geográfica (como é o caso do Brasil, por exemplo). Como tal, dos seis textos que compõem o dossiê, três são de autores portugueses, dois de autores espanhóis e um de autor brasileiro. Partindo

de objetos e problemas de pesquisa diversificados, eles são um barómetro (naturalmente muito parcial) da agenda a que uma parte da sociologia da educação se vem dedicando.

O texto de José Manuel Resende, Luís Gouveia e David Beirante convida-nos a olhar mais finamente para as rotinas escolares que desafiam os professores a um nível que não mais se coaduna com a ideia prescrita de um modelo hegemónico de profissionalidade docente. O trabalho empírico dos autores é revelador daquilo que as famílias fazem aos professores, quando se envolvem com a escola e a escolarização dos seus filhos e educandos em moldes que afetam e desestabilizam o mandato destes profissionais. Os arranjos e as negociações que os professores fazem com as famílias, em face do melindre de cada caso concreto, ilustram o equilíbrio precário entre salvar a situação e salvar a face, no sentido de preservar a autoridade docente.

Luís Capucha expõe, no seu texto, os ziguezues das políticas de educação e formação de adultos e os contrastantes quadros ideológicos que as têm suportado. Os dados que mobiliza sobre Portugal, complementados por algumas incursões no caso espanhol, espelham o marcador geracional das desigualdades socioeducativas, refletindo o tardio e singular processo de escolarização português. Enfatizando a “batalha” que tem animado visões distintas sobre a maneira de fazer a educação de adultos, o autor pretende demonstrar que os resultados alcançados nas últimas décadas não são indiferentes aos contornos ideológicos das políticas que lhes estão subjacentes.

Francisco Santana-Armas, María del Mar Noda-Rodríguez e Carmen Nieves Pérez-Sánchez trazem-nos uma reflexão teórica sobre a necessidade de conferir uma atenção acrescida à experiência escolar no entendimento das desigualdades socioeducativas. Os autores reforçam assim a importância de uma sociologia da experiência escolar (na esteira da proposta que François Dubet e Danilo Martuccelli haviam feito em 1996), mais atenta à contextualização de diferentes lógicas de ação em meio escolar, condi-

cionadas por um feixe de sentidos experimentados na relação com os pares, as famílias, os professores, as culturas juvenis, os resultados académicos.

Ubirajara Santiago de Carvalho Pinto transporta-nos numa viagem ao Brasil e ao caso da ocupação de escolas secundárias do Rio de Janeiro, num período altamente conturbado do ano de 2016. A pesquisa, de forte pendor etnográfico, fornece-nos um trabalho de campo fértil ao entendimento dos sentidos de justiça que estão por detrás da mobilização estudantil e dos motivos para a ocupação das escolas. Face à complexidade desses motivos, o autor retrata as vicissitudes da causa, diante da dificuldade em compor envolvimentos tão pluralizados.

O artigo de Juan Carlos Romero Villadóniga agenda sociologicamente o problema do absentismo escolar em Espanha, objeto de grande invisibilização pública. Defendendo a etnografia como a ferramenta analítica mais apta à captação deste complexo problema, o autor discorre criticamente sobre o desencontro de sentidos entre o que os sujeitos reclamam e o que as políticas de “discriminação positiva” oferecem, gerando-se efeitos perversos e paradoxais, como a guetização das escolas e a acentuação do marcador etnicizante das populações mais vulneráveis ao absentismo. Villadóniga alerta assim para o grito silencioso de quem tem o corpo na escola mas cuja alma já a abandonou.

Bruno Dionísio, Leonor Lima Torres e Mariana Gaio Alves encerram o dossiê com um texto sobre as perspetivas de futuro da sociologia da educação em Portugal. Para ensaiar esse exercício prospetivo, os autores recorrem a entrevistas a sociólogos da educação portugueses, de diferentes gerações e com filiações institucionais e trajetórias variadas, que, oferecendo um retrato singular do passado e do presente deste campo disciplinar, indiciam pistas e cenários no sentido da afirmação da sociologia nas esferas do ensino, da investigação e da intervenção socioeducativa.

*Bruno Dionísio, Leonor Lima Torres
e Mariana Gaio Alves*